

É tempo de repensar a composição, o uso e a destinação dos plásticos

Daniel Gomes

O avanço das pesquisas científicas tem levado a respostas cada vez mais surpreendentes quanto ao destino final da crescente quantidade de plásticos que é produzida, utilizada em diferentes ramos de atividades e, muitas vezes, descartada de maneira incorreta no meio ambiente.

AS 'ILHAS E AS PEDRAS DE PLÁSTICO'

A cada ano, cerca de 10 milhões de toneladas de plásticos vão parar nos oceanos. Atualmente, já existem ao menos cinco grandes "ilhas de plástico" no planeta. A maior delas se localiza no Pacífico Norte e tem uma área equivalente a três vezes o território da França. As outras estão no Atlântico Norte, no oceano Índico, no Pacífico Sul e no Atlântico Sul.

As "ilhas de plástico", formadas gradualmente ao longo das últimas décadas, são compostas majoritariamente de microplásticos – pequenas partículas de plásticos com menos de 5 milímetros – que acabam ficando muito próximas devido à ação de correntes marinhas e à rotação da Terra e formam como que um bloco unificado, cuja maior parte fica submersa nos oceanos.

E também algumas ilhas naturais começam a ficar impregnadas de plástico. Em 2022, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR) informaram ter encontrado "rochas de plástico" na Ilha de Trindade, no estado do Espírito Santo. A elas deram o nome de "plastistones", devido à sua formação praticamente homogênea com microplásticos que possivelmente as ondas do mar levaram até a ilha, formando tais rochas ao longo dos anos. Trata-se de uma "evolução" das rochas de plástico das quais se tinha notícia até então, formadas pela mistura de minerais, areia, conchas e microplásticos.

PARTÍCULAS NO SANGUE HUMANO

Também no ano passado, em um estudo feito em 22 amostras de sangue de doadores anônimos, nos Países Baixos, foram encontradas micropartículas de plástico em 17 delas: havia vestígios de politereftalato de etileno – o material-base das garrafas PET e das fibras de poliéster, muito usadas pela indústria têxtil; de polietileno e poliestireno, este último maciçamente utilizado nas embalagens de alimentos.

De acordo com os cientistas que conduziram o estudo, a hipótese mais provável é que as partículas de micro-



ONU/Laura Quinones

Tem sido cada vez mais frequente encontrar componentes plásticos em meio ao lixo marinho; já há 5 grandes 'ilhas de plástico' no planeta

plástico entraram no organismo destas pessoas ao longo da vida pela água que beberam, pelo ar, pelos alimentos ingeridos e até por produtos de higiene e cosméticos.

"Enquanto a nossa máquina lava a roupa, ela solta a água com estes microplásticos, que do esgoto vão parar nos rios e oceanos. Essas partículas são comidas pelos peixes, e nós consumimos peixes. Essa água vai parar na grama, o animal dela se alimenta, e nós nos alimentamos de plantas e de carne animal. Portanto, no fim, nós mesmos acabamos comendo microplásticos", explicou, ao **O SÃO PAULO**, Ângela Barbour, farmacêutica bioquímica, doutora em artes visuais e poéticas visuais, com atuação no ramo dos têxteis.

A gestão indevida dos resíduos também ajuda a explicar parte do problema. No Brasil, por exemplo, a cada ano, das 170 mil toneladas de resíduos têxteis, cerca de 80% tem como destino final os lixões e aterros sanitários. É um emaranhado de aparas e retalhos de fibras, microfibras e poliéster, a maior parte com microplásticos em sua composição, material que pode levar de 100 a 400 anos para se decompor.

UMA ALTERNATIVA AO PROBLEMA: OS BIOPLÁSTICOS

Além de incentivar que as pessoas e empresas descartem corretamente os resíduos plásticos, produzir itens com materiais alternativos ao plástico con-

vencional, derivado do petróleo, tem sido visto como fundamental para frear a poluição ambiental. Nesse sentido, gradualmente tem crescido a adoção, em diferentes ramos de atividades, de bioplásticos, compostos de fontes renováveis e que podem ser degradados mais rapidamente por fungos e bactérias após serem descartados.

"A biodegradabilidade oferece significativos benefícios econômicos e ao meio ambiente. Por exemplo, um saco biodegradável quando usado como saco de resíduo orgânico contribui para a separação higiênica, a coleta seletiva, e sendo destinado corretamente à compostagem se transforma em adubo orgânico de valor e, consequentemente, reduzindo essa fração do resíduo destinada a aterros sanitários, lixões e mesmo incinerada", consta em um material explicativo da Associação Brasileira de Biopolímeros Compostáveis e Compostagem (Abicom).

Apesar de sua adoção ser benéfica ao meio ambiente, os bioplásticos ainda são mais caros que os plásticos convencionais, uma das razões que ajudam a explicar porque menos de 1% das 359 milhões de toneladas de plástico fabricadas no mundo em 2019 eram de bioplásticos, conforme dados da European Bioplastics.

Ângela Barbour, que tem se dedicado a estudos e à produção de têxteis a partir de biomateriais, assegura que as pesquisas sobre o uso desses componentes estão em pleno progresso e que muito já se produz a partir deles.

Alguns exemplos são os bioplásticos de gelatina, que podem ser convertidos em fios, para posterior confecção de roupas; o ágar-ágar, extraído de algas marinhas, com o qual são feitas embalagens; ou o alginato, também composto de algas, com o qual é possível obter chapas ou fios, para serem utilizados na produção de roupas.

Já na produção industrial em larga escala, tem avançado a utilização de bioplásticos produzidos a partir do milho e da cana-de-açúcar.

Esta edição do caderno "*Laudato si'* – Por uma Ecologia Integral" dá visibilidade a projetos e pessoas que têm buscado alternativas ao uso do plástico convencional – como é o caso de Ângela Barbour – ou que procuram prolongar sua utilidade em vez do simples descarte, como faz a ONG Eco Garopaba, que transforma garrafas PET em pranchas de surfe; e o Instituto Amor Rosa, que recolhe tampinhas plásticas, as revende à indústria e com os recursos obtidos auxilia as pessoas com câncer.

Tais iniciativas fazem ressoar ao menos dois apontamentos do Papa Francisco na encíclica *Laudato si'*: o primeiro é que antes de avaliar a beleza estética de qualquer projeto, é preciso pensar "a qualidade de vida das pessoas, a sua harmonia com o ambiente, o encontro e ajuda mútua" (cf. LS 150); e não menos importante é orientar as ações para a "alteração do consumo e o desenvolvimento de uma economia de resíduos e reciclagem" (cf. 180).

Biomateriais: um desafogo para o presente, um redesenhar do futuro

ARTISTA VISUAL E FARMACÊUTICA BIOQUÍMICA, ÂNGELA BARBOUR TEM SE DEDICADO À PESQUISA E PRODUÇÃO DE MATÉRIAS-PRIMAS E SOLUÇÕES QUE NÃO DEGRADEM O MEIO AMBIENTE

Daniel Gomes

Da varanda do apartamento 92 do edifício Virginia, no número 197 da Rua Martins Fontes, é possível observar a dinâmica acelerada do centro da capital paulista em mais uma tarde de sol. O prédio, inaugurado em 1951, tem em suas estruturas as marcas do tempo. Na varanda, em meio às rachaduras do teto e das paredes e o piso desgastado, uma artista plástica montou uma exposição com janelas quebradas, pedaços de escombros, uma sapatilha de balé, um vestido de seda pura de sua juventude, uma rede de descanso, galhos secos e “entrelaçou” todo o cenário com dois itens que usa frequentemente: fios de seda e pedaços de polpa de papel.

“Eu produzi essa polpa a partir do processamento dos boletos que juntei durante a pandemia. Os boletos são a nossa *timeline*. Neles estão as nossas alegrias, tristezas, as doenças... Então, decidi transformá-los em polpa e pulverizar, como que jogando aqui nesta instalação, um pedacinho do que vivi e, também, ‘conversando’ com a Virginia [Virginia Matarazzo Ippolito, a primeira proprietária do edifício] e com todas as pessoas que aqui passam ao longo dos anos”, detalha Ângela Barbour.

Ângela, ao lado da filha, Andréa Barbour, que também é artista, participa de uma mostra no edifício Virginia, que será *retrofitado*, ou seja revitalizado em vez de demolido, pela incorporadora Somauma. A instalação “Na Varanda com Virgínia” pode ser vista até 29 de maio e foi parte da 12ª Semana de Design de São Paulo, em março, na qual Ângela também falou sobre biodesign e biomateriais, assuntos sobre os quais é uma das principais especialistas no Brasil.

REPENSANDO COMO AS COISAS SÃO FEITAS

Farmacêutica bioquímica e doutora em artes visuais e poéticas visuais, Ângela Barbour já foi a responsável pela galeria Marta Traba do Memorial da América Latina, onde montou o primeiro Fab Lab público e gratuito do Brasil – um espaço colaborativo de fabricação digital, que por meio de ferramentas controladas por computador e do uso de diferentes materiais permite viabilizar quase todo tipo de projeto. Foi ainda diretora-executiva do Porto Fab Lab, o primeiro labora-



Ângela Barbour, artista plástica e bioquímica, se dedica à produção e ao estudo de biomateriais, especialmente para utilização no ramo têxtil

tório de fabricação digital dedicado às artes.

Atualmente, é instrutora global do Fabricademy, um curso que prepara as pessoas para dirigir laboratórios de fabricação digital e orientar projetos. No Brasil, apenas o ateliê que ela criou, o Ellora Ateliê, é chancelado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) e pela Fab Foundation para ministrar esse curso.

“No Fabricademy, trabalhamos como fazer as coisas de forma mais sustentável, por meio de uma intersecção entre a produção digital, os têxteis e a Biologia. Propõe-se uma linha nova de pensamento em relação à moda e aos tecidos, como, por exemplo, produzir uma roupa que seja *zero waste*, ou seja, sem desperdício de material. Quando se vai cortar o tecido de uma roupa, o seu design deve ser de tal modo que não sobrepano algum. Além disso, todo o processo é pensado em uma economia circular: produzir com *zero waste*, entregar o produto em uma embalagem reciclável, pensar as formas em que será enviado ao consumidor, e que este já saiba onde descartá-lo para que seja reaproveitado e não vire lixo”, detalha ao **O SÃO PAULO**.

AS MUITAS POTENCIALIDADES DOS BIOMATERIAIS

Por meio do Fabricademy, Ângela Barbour estreitou laços com o mundo da moda. “Hoje, como artista, faço peças que são obras de arte e que são para vestir. Por exemplo: uma capa cortada a laser que vira uma renda, uma capa de seda com impressão feita em uma *ecoprint*. Utilizo plantas e flores que já saem como parte da estampa”, detalhou, comentando ainda que o tingimento dos tecidos é feito com extratos de plantas ou corantes extraídos de bactérias e algas. “Gasta-se bem menos água e não se polui o ambiente com as sobras dos corantes sintéticos”, prossegue.

“Os bioplásticos provêm de outras fontes naturais, como a gelatina, obtida no descarte de peças do boi,

o ágar-ágar e o alginato, ambos das algas. Há ainda a mistura desses bioplásticos com outros materiais, são os chamados compostos: por exemplo, pode-se misturar cascas de ovo com o bioplástico feito de gelatina e ter um material super-resistente, que serve até para fazer um vaso”, detalha.

Há também uma vasta gama de couros alternativos, feitos com restos da pele de grandes peixes; com soja fermentada; com polpas de sobras das frutas; com algas; com micélio (obtidos pela ramificação de fungos), que podem ser úteis também para produzir azulejos, tijolos e colunas de construção; e com couro de kombucha, produzido a partir da fermentação de uma bactéria com uma levedura, que resulta em uma película de celulose, que se assemelha ao couro animal após estar seca.

Embora produzir com biomateriais nem sempre seja uma opção barata, Ângela assegura que a viabilidade financeira dos projetos e produtos feitos com biomateriais é um dos pontos de atenção tanto do Fabricademy quanto de outro curso que ela ministra, chamado “Bioplásticos e o Futuro dos Materiais”.

“O mercado leva em conta algo que seja feito com biomaterial e que quando for descartado irá se degradar mais facilmente na natureza. A indústria também busca materiais alternativos que deem um salto de qualidade e que possam ser usados em lugar de outros não sustentáveis”, comenta.

INOVAÇÃO A SERVIÇO DO BEM COMUM

Em outubro de 2022, Ângela liderou um projeto vencedor de um concurso realizado na conferência internacional dos Fab Labs, em Bali, na Indonésia.

Os desafios eram auxiliar uma comunidade de plantadores de café e de cacau a encontrar um modo mais eficaz para separar os grãos conforme o tamanho e de remover de modo mais fácil as ervas daninhas das plan-



tações, trabalho feito até então com uma máquina com foices de raspagem, movida a diesel.

A partir do recipiente das marmitas dos trabalhadores, foram criadas peneiras separadoras dos grãos; e com as sobras de cascas do cacau, misturadas a fibras de coco e alginato, foram confeccionados pequenos tapetes, que colocados em volta das plantas impediam a entrada de luz no entorno e, por consequência, o crescimento das ervas daninhas. Além disso, os saquinhos plásticos nos quais as mudas eram envoltas foram substituídos por outros feitos com a casquinha do grão de café. Ao serem plantados com a muda, se dissolvem, transformando-se em um fertilizante natural.

O grupo de 22 pessoas do qual Ângela era participante, junto com outras sete brasileiras, decidiu doar àquela comunidade todos os materiais desenvolvidos, bem como a premiação de 6 mil dólares. “Viemos embora com as mãos vazias, mas com o coração cheio”, recorda Ângela, que é católica e mãe de quatro filhos.

Na avaliação da artista visual, a utilização dos biomateriais já não é mais apenas uma alternativa, mas uma necessidade. “Não devemos terminar de destruir o planeta, mas, sim, começar a recuperá-lo. Como descartar menos plástico? Como fazer que estes plásticos sejam transformados em outros objetos e materiais? Quando usamos biomateriais e pensamos o biodesign, consideramos, na verdade, o bem-estar do ser humano, dos animais, de toda a natureza. Deixamos de poluir e, assim, redesenhamos o futuro”.



Clique e concorra a bolsas de estudos no curso “Bioplásticos e o Futuro dos Materiais”, ministrado por Ângela Barbour

Na Eco Garopaba, as garrafas PET viram pranchas de surfe

CRIADA EM 2011, ONG JÁ TRANSFORMOU MAIS DE 30 MIL GARRAFAS EM PRANCHAS ECOLÓGICAS E REALIZA AÇÕES DE LIMPEZA NAS PRAIAS E DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS

Roseane Welter

Sempre que ia surfar, o casal Jairo Lumertz e Carolina de Albuquerque Scorsin (foto central) se incomodava com a quantidade de lixo que encontrava no mar. Em 2011, eles decidiram que fariam algo para tentar mudar

rafas PET foram transformadas em pranchas. A quantidade de garrafas necessárias para produzi-las varia conforme o modelo: com 45 garrafas é possível confeccionar uma prancha comum; com 90, uma *stand up paddle* (que é um modelo maior) e com 15 garrafas uma prancha de *bodyboard*, que é mais larga e mais curta que uma prancha convencional.

A ideia da prancha ecológica também já aportou no litoral de Israel, Argentina, Peru, Chile, México, Nova Zelândia, Indonésia, Austrália, França, Inglaterra, Portugal e Tailândia.

A PRANCHA ECOLÓGICA

Jairo Lumertz contou à reportagem que o material necessário para construir as pranchas, além das garrafas PET, é simples e encontrado até nos lixões ou em canteiros de obras: tesoura, lixa, cola de poliuretano, canos de PVC (para sustentar a estru-

reza e capacitamos centenas de multiplicadores para dar continuidade ao projeto”, reforça Lumertz, recordando que também são confeccionadas pranchas adaptadas para pessoas com deficiência.

O surfista ressalta que as pranchas podem ser feitas no modelo maior de *stand up paddle*, modalidade que usa um remo e, assim, pode ser praticada em lagoas, rios e até piscinas. Por isso, até em cidades não litorâneas o projeto pode ser viabilizado, razão pela qual os idealizadores do Eco Garopaba têm a meta de visitar todos os estados do Brasil e o Distrito Federal.

MUDAR HÁBITOS EM RELAÇÃO AOS PLÁSTICOS

Um relatório do Fundo Mundial para a Natureza (WWF) aponta que o Brasil é o quarto país que mais produz plástico no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, China e

colaboração de todos. Buscamos com o projeto capacitar crianças e jovens para a educação e preservação ambiental em escolas e na fabricação da sua própria prancha”, disse.

Carolina ressaltou a importância das ações do projeto nas escolas. “As crianças saem da escola com outra ideia de preservação e da prática de esporte. Começam a repensar e mobilizar os familiares para a ação de cuidar do ecossistema. Elas começam a olhar os problemas que o lixo vem causando de outra forma”, frisou.

“Eu costumo dizer que meu esposo e eu somos ‘caçadores de garrafas PETs’”, brinca Carolina, enfatizando a crescente participação dos moradores e turistas nos mutirões na praia e na coleta seletiva. “Quem conhece nossas ações já nos traz as garrafas após o uso, pois sabe que estamos sempre procurando-as para reutilizá-las”, contou.

Fotos: Eco Garopaba



Fotos: Eco Garopaba

essa realidade. Começaram, então, a confeccionar pranchas de surfe com garrafas plásticas. Assim surgiu a ONG Eco Garopaba, cuja sede é na Praia da Barra, na cidade de Garopaba, no litoral de Santa Catarina.

A iniciativa tem por objetivo reduzir o volume e os prejuízos causados pelo lixo nos oceanos e busca conscientizar a população sobre a necessidade da gestão responsável do lixo, por meio da reciclagem e o descarte correto de resíduos. Também fomenta a consciência social e ecológica nas comunidades, falando a estudantes, moradores e turistas. E, claro, incentiva a prática do surfe.

Jairo e Carolina já foram a diferentes partes do Brasil para ministrar palestras e dar formação a multiplicadores em escolas. O casal ensina crianças e jovens a produzirem sua própria prancha e organiza mutirões para limpar as praias por onde passa.

Em 12 anos de projeto, já foram visitadas mais de 80 cidades, em 17 estados, e orientadas cerca de 50 mil crianças e adolescentes.

Neste período, mais de 30 mil gar-

tura), E.V.A. escolar (para o *deck* – a parte de cima da prancha), tábuas plásticas (para as quilhas). Também é preciso um compressor de ar ou uma bomba de pneu de bicicleta, para encher as garrafas de ar e garantir mais eficiência na flutuação.

“O processo de fabricação da prancha envolve higienizar bem as garrafas PET, lixá-las, colá-las com uma substância adesiva especial para poliuretano, criar uma estrutura de canos de PVC e finalizar com E.V.A. a parte em que o surfista deita”, explica Lumertz. “Todo o material vem do lixo ou é reciclado. Por exemplo, E.V.A. é algo muito descartado pelas academias”, afirmou o surfista, garantindo que a prancha ecológica tem a mesma estabilidade das convencionais, mas um custo bem menor para ser produzida, o que possibilita que também as pessoas de baixa renda possam ter a própria prancha de surfe.

“A prancha se torna uma ferramenta para falar sobre os problemas que o lixo vem causando em nosso planeta. Assim, incentivamos a prática do surfe, a preservação da natu-

Índia. É, ainda, um dos que menos recicla: apenas 1,28%, o equivalente a pouco mais de 145 mil toneladas.

A WWF afirma que cerca de 10 milhões de toneladas de plástico são lançadas nos oceanos, anualmente. Nesse ritmo, até 2030, haverá o equivalente a 26 mil garrafas plásticas no mar a cada quilômetro quadrado, o que afetará a qualidade do ar, do solo e dos sistemas de fornecimento de água.

Investir em alternativas sustentáveis é um caminho para reverter esse cenário; por isso, segundo Carolina Scorsin, a Eco Garopaba tem como missão conscientizar a população sobre a necessidade do cuidado com o planeta, viabilizando a reciclagem e o correto descarte do plástico e dos demais itens passíveis de reaproveitamento.

“A reciclagem ainda é um desafio no Brasil. Toneladas de resíduos que poderiam ser reaproveitados, contribuindo para a economia circular, infelizmente são despejadas em locais proibidos. Nosso intuito é reduzir e até eliminar o descarte incorreto do lixo nas praias. Isso é possível com a

A Eco Garopaba também produz quadros com o lixo plástico retirado das ações de limpeza em praias, e brincos feitos com caixas de leite e retalhos de tecidos.

CONHEÇA O PROJETO

@ecogaropaba

OS PLÁSTICOS E O MEIO AMBIENTE

- ✓ São produzidas **11.355.220 milhões de toneladas de lixo plástico** por ano, no Brasil;
- Deste total:**
- ✓ **7,7 milhões de toneladas** são jogadas em aterros sanitários;
- ✓ **2,4 milhões de toneladas** são descartadas de forma irregular;
- ✓ **Mais de 1 milhão de toneladas** não é recolhida;
- ✓ **Apenas 145.043 toneladas** são corretamente recicladas;
- ✓ Cada brasileiro produz 1kg de lixo plástico por semana

(Fonte: WWF)

‘Tampinhas de amor’: o que ia para o lixo agora impulsiona a solidariedade

FORMADO POR VOLUNTÁRIOS, O INSTITUTO AMOR ROSA MANTÉM O ATENDIMENTO A PESSOAS COM CÂNCER POR MEIO DA VENDA DE TAMPINHAS PLÁSTICAS QUE ANTES TINHAM OS ATERROS SANITÁRIOS COMO DESTINO

Ira Romão

Sabe aquela tampinha de plástico como a da garrafa de água que geralmente todos jogam fora? Ela tem gerado renda para o Instituto Amor Rosa, organização não governamental que assiste pacientes oncológicos na capital paulista.

O Instituto arrecada e vende as tampinhas, contribuindo ainda com a sustentabilidade ambiental, direcionando à reciclagem toneladas desse tipo de plástico que, antes, iriam para os aterros sanitários.

De 2020 a 2022, o Instituto arrecadou 77 toneladas de tampinhas. Toda a renda obtida com a venda do material é revertida ao atendimento dos assistidos, pacientes internados ou não, que recebem apoio por meio de acompanhamento psicológico e de doação de itens essenciais durante o tratamento oncológico.

“São desde visitas, doação de fraldas geriátricas e de kits como o de higiene – sabonete, escova de dente, pente, absorvente etc – até a entrega de cadeiras de rodas e de banho, entre outras coisas”, disse, ao **O SÃO PAULO**, Ana Maria Obranovich Rosa, 74, cofundadora e presidente do Instituto.

AMOR ROSA

Oficialmente fundado em 2019, o Instituto Amor Rosa já atuava de forma extraoficial desde 2011, sempre apoiando pacientes oncológicos adultos, sem distinção de sexo e tipo de câncer.

“O adulto com câncer é estigmatizado. Por isso, nos dedicamos a cuidar daqueles que precisam. Sou católica e acredito que devemos amar o próximo como a nós mesmos”, comenta Ana Maria.

A missão do Amor Rosa é acolher, amparar, orientar e, como o próprio nome diz, amar aquelas pessoas que se encontram em situação de fragilidade por causa da doença.

Seus assistidos são encaminhados pelos serviços sociais de hospitais parceiros do Sistema Único de Saúde e da rede privada.

“Hoje, ao mês, são 370 pacientes que atendemos direta ou indiretamente de acordo com as necessidades”, diz Ana Maria.

Formado por voluntários, o Instituto conta com 36 integrantes, entre os quais uma psicóloga, um advogado e



Fotos: Instituto Amor Rosa

13 coordenadoras de projetos que administram as diversas frentes de atuação, como a arrecadação de doativos, entrega de cestas básicas e o banco de perucas, enviadas gratuitamente para todo o Brasil.

“O Amor Rosa é formado por pessoas que chegaram aqui pelo amor ou pela dor. São pessoas que já foram pacientes ou que tiveram casos de câncer na família ou perderam alguém para a doença”, expõe Ana Maria.

É o caso da administradora de empresas Fátima Laplaca, 60, que atua na assessoria da presidência do Instituto. Ela conheceu o trabalho em 2012, quando estava com a doença.

“Tive câncer de mama, diagnosticado em 2010. Embora não precisasse de auxílio de bens materiais, sentia falta de um grupo de apoio, de pessoas para interagir, tirar dúvidas sobre a doença e o tratamento”, conta Fátima.

“Acolhimento eu tive já no primeiro encontro com a Ana Maria, que me deu um abraço caloroso. Passei a ir aos eventos e encontros de pacientes. Virou uma chave na minha vida”, diz.

De assistida, Fátima, que passou 10 anos em tratamento, se juntou a Ana Maria como cofundadora do Amor Rosa. “Resignifiquei minha experiência com o câncer e usei o árduo aprendizado para ajudar outras pessoas que passam pela situação”, conta.

O mesmo ocorreu com a artesã Maria José S. de Moraes, 55, que além de paciente assistida é voluntária desde 2021. Ela foi diagnosticada com câncer de mama em 2016 e conheceu o Instituto por meio de uma amiga que, depois, faleceria em decorrência da doença.

“Ela me levou até o Amor Rosa para pegar uma peruca emprestada. Lá escolhi uma do meu agrado e passei a participar dos eventos”, recorda Maria José, que atua, principalmente, no setor da beleza da ONG.

TAMPINHAS DE AMOR

Há três anos, o Instituto adotou a

campanha permanente “Tampinhas de amor”, a fim de arrecadar e vender tampas plásticas para empresas especializadas em reciclar o material.

“O projeto surgiu por acaso, quando uma voluntária trouxe um saco delas em doação, em outubro de 2019. Não sabíamos o que fazer com o material, por isso, fomos procurar exemplos de utilização e encontramos casos incríveis”, relata Ana Maria.

“Fomos entender como funcionava, para quem vender e como tinha que ser feita a classificação do material. Tudo foi um aprendizado”, acrescenta.

Hoje a campanha corresponde a boa parte da renda do Instituto. “Está chegando aos 60% porque também trabalhamos com outras campanhas, como a arrecadação de lacres de alumínio e o bazar que mantemos com roupas, sapatos e acessórios doados”, diz Ana Maria.

Com o recurso obtido, a ONG paga os custos para manter a sede – aluguel, condomínio e IPTU, as infraestruturas como telefone, internet e a energia elétrica, bem como atende às demandas de suplementos alimentares, dietas enterais e fraldas.

Ana Maria comenta que a venda

das tampinhas foi uma solução de duas vias que o Instituto encontrou para continuar trabalhando: “Fazemos dois trabalhos sociais: a sustentabilidade e a solidariedade, já que retiramos as tampinhas do meio ambiente onde demoram até 400 anos para se degradar e damos dignidade a quem precisa”.

PARCEIROS

Na arrecadação de tampinhas, o Instituto conta com a parceria de empresas, escolas, igrejas e condomínios que mantêm pontos de coletas.

Entre os parceiros estão as concessionárias ViaQuatro e ViaMobilidade, do Grupo CCR, que desde 2022, cedem espaços nas estações do Metrô e da CPTM que administram para arrecadar o material.

Os pontos de coleta estão localizados em todas as estações da Linha 5-Lilás do Metrô e das Linhas 8-Diamante e 9-Esmeralda da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos).

Na Linha 4-Amarela do Metrô, há coletores nas estações Luz, República, Higienópolis-Mackenzie, Paulista, Oscar Freire, Fradique Coutinho, Faria Lima, Pinheiros, Butantã, São Paulo-Morumbi e Vila Sônia.

As concessionárias, por meio de suas assessorias de imprensa, informaram que com a campanha “buscam incentivar a solidariedade e a consciência ambiental, além de contribuir diretamente com o tratamento de pacientes oncológicos”.

RECICLAGEM

As tampinhas vendidas pelo Instituto são aproveitadas pela indústria para a fabricação de outros produtos como baldes, cabides, caixinhas para óculos, bacias, bancos, brinquedos, entre outros.

Antes de vender as tampinhas, o Instituto as separa e as ensaca conforme as cores. Nessa triagem, são retirados também os materiais metálicos e as impurezas que podem prejudicar o processo de reciclagem.

“Chegam tampinhas com papel colado ou tampas de metal, como aquelas de azeitona, de molho de tomate ou de cerveja. Elas não servem”, conta Ana Maria.

DOE TAMPAS PLÁSTICAS DE:

- ✓ Garrafas de água, refrigerantes e sucos;
- ✓ Caixas de leite;
- ✓ Produtos de limpeza (amaciante, sabão líquido, detergente e antimfo);
- ✓ Cosméticos (desodorante aerossol, xampu, condicionador, cremes, pasta de dentes e pomadas);
- ✓ Potes e latas (maionese, requeijão, café solúvel, leite em pó, achocolatado, farinha láctea, sorvete e inseticida aerossol).

O Instituto também aceita doações entregues por pessoas físicas na própria sede, na Rua Marquês de Itu, 70, Vila Buarque, Centro.

